

# PEDAGOGIAS DO PRESENTE: Implicações para os sujeitos, as relações e a sociedade

Mariangela Momo<sup>1</sup>  
Patrícia Ignácio<sup>2</sup>

Em sua fratura, em sua repetição, o presente é um lance de dados. Não que ele faça parte de um jogo, no interior do qual deslizaria um pouco de contingência, um grão de incerteza. Ele é simultaneamente o acaso no jogo, e o próprio jogo como acaso; ao mesmo tempo são lançados os dados e as regras (FOUCAULT, 2000, p. 253).

Pedagogia do Afeto, Pedagogia da Alegria, Pedagogia da Alternância, Pedagogia da Cooperação, Pedagogia do Consumo, Pedagogia do Contexto, Pedagogia da Diversidade, Pedagogia de Fronteira, Pedagogia da Humanização, Pedagogia do Movimento, Pedagogia Neoliberal, Pedagogia de Projetos, Pedagogia do Sucesso e Pedagogia da Transgressão – entre outros signos e significados – compõem os jogos de linguagem e fazem reverberar as regras de um tempo presente. Essas múltiplas, diversas e díspares pedagogias são apenas algumas das abordagens possíveis para um conceito que rompeu, estilhaçou e ultrapassou os muros da escola e se materializou em diversificados artefatos, enunciados e imagens, facilmente encontrados na cultura contemporânea, especialmente no universo virtual/cultura digital.

No mundo de hoje, entre o acaso do jogo e o jogo do acaso, parece haver pedagogia para quase tudo. Será que vivemos uma inflação pedagógica, tal como argumenta Beillerot (1985)? Ao que parece, ao mesmo tempo em que proliferam

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: marimomo@terra.com.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9014-657X>.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: [patricia.ignacio@ufrn.br](mailto:patricia.ignacio@ufrn.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2617-05298>.

as pedagogias, tal palavra, tal conceito pode referir-se a uma multiplicidade de coisas diferentes, as quais se ligam, se correlacionam, se combinam, se ajustam para evidenciar modos de ensinar e possibilidades de aprender em um tempo nomeado presente. Ao fim e ao cabo, "em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo" (HALL, 2016, p. 20). Assim, entrelaçadas ao dentro e ao fora da escola, as pedagogias compõem a tecitura das vidas dos sujeitos e operam sobre seus modos de ser, estar e conviver em uma determinada cultura.

Atenta às nuances, aos matizes e às profusas pedagogias que operam sobre as condutas dos sujeitos, Ana Luísa Paz, uma das autoras deste dossiê, em seu artigo intitulado *Aprender a Resistir: da poética dos dias a uma autoetnografia das pedagogias do presente*, evidencia e coloca sob certa tensão um conjunto de pedagogias que considera como as de sua eleição. Trata-se das Pedagogias contra o Estado e das Pedagogias do Cuidar, das Pedagogias Insurgentes, Insubmissas e Decoloniais, da Pedagogia do Amor, da Pedagogia da Esperança, das Pedagogias Ativas, das Pedagogias Participativas e da Pedagogia do Ensino Superior, acionadas de forma poética para uma autoetnografia das pedagogias do presente.

De fato, muitas outras pedagogias ainda poderiam ser elencadas neste texto; no entanto, pensamos que essas já são suficientes para mostrar a produtividade e a abundância de pedagogias no tempo presente e suscitar um conjunto de perguntas. Perguntas que também podem ser repetidas para as pedagogias acionadas em cada um dos artigos que fazem parte deste dossiê. O que diferencia cada pedagogia? O que elas têm em comum? Como se configura a inteligibilidade de cada uma delas? Quais autores as mapearam ou podem ser associados a cada uma delas? A quem são endereçadas? Com que tipo de sujeito e de sociedade estão comprometidas? Quais são as redes de saberes e de poderes que elas instituem e põem em operação? Quais seus "lugares de aprendizagem" (ELLSWORTH, 2005)? Quais são as estratégias educativas que desenvolvem para agir sobre os sujeitos e para que ajam sobre si próprios? Como cada pedagogia articula os níveis epistemológico, político e estratégico? (como discutido por Wortmann, 2005).

Nota-se, assim, que as pedagogias existentes na contemporaneidade – proliferadas, múltiplas, cambiantes – contribuem, de maneira contundente, para estilhaçar o conceito de pedagogia tal como, durante muito tempo, vinha sendo empregado, de forma unitária, como narrativa universal e exclusivamente associado ao universo escolar. Cabe aqui a ressalva de que estilhaçar algo implica que uma parte desse algo permanece, mas passa a existir de outro modo, em outros contextos, sob outras forças e configurações. Parece-nos que o que permanece em cada fragmento da então fraturada pedagogia e faz com que tantas “Pedagogias da/de/do” sejam reconhecidas como pedagogias é a existência/emergência de um conjunto de saberes e práticas que, postas em operação em diferentes espaços e artefatos culturais, produzem sujeitos (CAMOZZATO, 2018) e sociedades.

Na dimensão epistemológica, a fragmentação do conceito de pedagogia acontece a partir de importantes contribuições de movimentos teórico-metodológicos, como a virada linguística (Veiga-Neto, 2003), os quais permitem compreender que cada conceito tem uma história, emerge e é construído, produzido, rearranjado e refeito de acordo com certas condições de possibilidade forjadas em cada tempo e lugar. Entre as consequências da virada linguística, segundo Veiga-Neto (2003), há o estilhaçamento e a flexibilização/diversificação de termos que vinham sendo compreendidos e empregados a partir de um único sentido, aquele narrado e legitimado como verdadeiro. Com essa ruptura epistemológica, passa-se a compreender que as verdades são construídas na linguagem, na cultura, permeadas por relações de poder e saber que disputam e impõem significados.

Os Estudos Culturais em Educação, no âmbito epistemológico, também contribuem para fraturar o conceito de Pedagogia como único e verdadeiro. O conceito *pedagogias culturais* emerge e passa a ser amplamente utilizado nos Estudos Culturais em Educação, dando visibilidade e legitimidade a um sem-número de pedagogias, que transcendem os muros da escola e operam articulando cultura, poder e educação. São muitos e variados os usos e as possibilidades do operar com o conceito de pedagogias culturais, especialmente nas pesquisas em educação, como discutem Andrade e Costa (2015).

Se os conceitos emergem sob certas condições de possibilidade, vivemos em um tempo com condições culturais peculiares, algumas das quais nunca antes vistas na história da humanidade. Condições caracterizadas, inclusive, pela expansão nas formas de nomeá-las, tais como: condição pós-moderna (HARVEY 1993), pós-modernismo (JAMESON 2004, LYOTARD, 1990) e Modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Essas nomeações apontam para diferentes formas de compreender e descrever o mundo, que têm como aspecto comum a narrativa sobre profundas mudanças, geralmente reconhecidas por esses e outros autores como ocorridas após a Segunda Guerra Mundial, as quais alteram significativamente a existência humana em múltiplas dimensões. Entre as mudanças, estão alterações na esfera do capitalismo (Jameson, 2004) – condições de produção, circulação e consumo de bens materiais e imateriais –, o surgimento da indústria da propaganda, a invenção e propagação de um conjunto de tecnologias e mídias (da TV à Internet) e as alterações em relação ao tempo e ao espaço, como é o caso da compressão do espaço e do tempo (HARVEY, 2008 e BAUMAN, 2021) promovida por avanços nas tecnologias. A internet, por exemplo, possibilita acessar vários espaços simultaneamente e por eles transitar em quase tempo nenhum. Um tempo que se caracteriza pelo movimento, pela mutação, pela instantaneidade e pela efemeridade, tal como descrito por Bauman (2001). Acrescentamos, ainda, efeitos da pandemia mundial de COVID-19, que perduram, especialmente na ocasião de produção e publicação desta obra, com significativos impactos em concepções e práticas educativas.

Essas mudanças no mundo e muitas outras têm implicações contundentes nas culturas, nos modos de ser e estar no mundo, nas relações que se estabelecem e nas características da(s) sociedade(s). Sobretudo, têm implicações para o que se entende e se efetiva como pedagogia. Dito de outra forma, considera-se que modificações substanciais na cultura e nas formas de (des)organização do mundo têm repercutido e alterado a concepção e os modos de funcionamento da(s) pedagogia(s). O tempo presente, como já dito, tem sido marcado por um conjunto de plurais e constantes pedagogias, operando para forjar sujeitos que correspondam a uma dada sociedade. Como argumenta Camozzato (2014), as pedagogias do presente procuram atender às exigências da contemporaneidade, (re)configurando-se constantemente por meio de processos

de atualização e colocando em operação discursos que convocam e interpelam os sujeitos. E é porque elas visam a “[...] responder às exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondam, levando adiante o mundo em que vivem, adaptando-se a ele” (CAMOZZATO, 2014, p. 575), que as pedagogias do presente se diversificam, se multiplicam e se disseminam.

São pedagogias que transcendem os muros da escola, mas que também podem estar dentro dela. Muitas dessas pedagogias estão imbricadas em tecnologias da informação e da comunicação e/ou ligadas a outras características do mundo atual, como o consumo, a sociedade do espetáculo e o governo dos sujeitos. São muitas as flexões da pedagogia, e são plurais os seus espaços de atuação (CAMOZZATO, 2014).

Tendo essas considerações como mote, o dossiê *PEDAGOGIAS DO PRESENTE: Implicações para os sujeitos, as relações e a sociedade* teve o objetivo de compilar pesquisas e estudos que se ocupam em compreender, problematizar, evidenciar e analisar pedagogias do presente e/ou suas implicações para a educação, para a formação/produção de sujeitos e da sociedade. Interessou, neste dossiê, agrupar um conjunto de saberes já produzidos sobre tais pedagogias, gerando uma obra que possibilita um panorama e também o aprofundamento de algumas das pedagogias do presente.

Esta obra é composta por 20 artigos, produzidos por 38 pesquisadores(as) de diferentes regiões do Brasil e uma pesquisadora de Portugal. O aspecto comum entre todos os textos é que eles evidenciam e analisam o que podemos nominar como pedagogias do presente. Os textos não têm como mote convencer o leitor sobre a filiação à pedagogia analisada, e sim dar visibilidade, analisar, problematizar e tensionar como a(s) pedagogia(s) em questão está(ão) imbricada(s), ou emerge(m), nas condições culturais contemporâneas e como opera(m) na instituição de saberes e na formação de sujeitos e/ou sociedades. No que diz respeito às pedagogias analisadas, às abordagens teóricas e aos caminhos percorridos para a construção da grade de inteligibilidade sobre a(s) pedagogia(s) do presente para a(s) qual(is) lançam o olhar, os artigos ora se aproximam, ora se

distanciam, evidenciando o quão fecundas são as pesquisas produzidas à luz de determinadas teorizações, especialmente a dos Estudos Culturais.

Assim, nossa opção foi organizar o dossiê agrupando os textos em cinco seções e elaborando títulos para cada uma delas. A primeira parte do título de cada seção é composta por algumas das pedagogias do presente, ou espaços de sua atuação, analisadas nos artigos que integram a seção. Já a segunda parte do título evidencia os sujeitos e/ou as sociedades com que tais pedagogias estão comprometidas e/ou imbricadas. Cabe ressaltar que cada artigo, pela abordagem de diferentes nuances das pedagogias do presente, pela associação a distintas pedagogias do presente e/ou pelo enfoque das discussões conceituais, poderia estar em mais de uma das seções do dossiê. Para situar um artigo em uma determinada seção, portanto, foi necessário estabelecer critérios de agrupamento, fazer associações e optar por uma nuance à qual dar visibilidade, em detrimento de outras. Tal fato já é um convite para que leitoras(es) interessadas(os) por uma determinada temática ou discussão consultem todo o dossiê, não se atendo a uma única seção.

A primeira seção, intitulada **PUBLICIDADE, IMAGEM E PLATAFORMAS DIGITAIS: PEDAGOGIAS DO PRESENTE, SOCIEDADES E SUJEITOS**, é composta por três artigos. A nuance escolhida para aproximá-los é que eles analisam as pedagogias elencadas – a publicidade, a imagem e a cultura digital (plataformização e algoritmos) –, localizando-as e problematizando-as em outras épocas e/ou no tempo presente. Desse modo, além de possibilitar compreender aspectos da emergência das pedagogias em questão, evidenciam como vão operando – no âmbito de ideias, relações e práticas – na (con)formação de sociedades e sujeitos.

Bruna Sant Ana Aucar e Everardo Pereira Guimarães Rocha abrem esta seção e o dossiê com o artigo intitulado **Agências, modelos de negócios e imaginários de consumo: notas sobre a publicidade como pedagogia do presente**. Ao realizarem o estudo dos primeiros movimentos institucionais da publicidade no Brasil, mostram sua emergência e consolidação como centrais e decisivas na instituição de uma pedagogia do consumo na vida cotidiana e coletiva do país.

Evidenciam e analisam como as agências contribuíram para produzir e colocar em circulação um novo saber simbólico, com atuação no campo da publicidade e o aparecimento do anúncio, o que vem a organizar novas práticas culturais, fomentando o consumo como pedagogia do presente. Os autores demonstram como a agência foi uma instância consoante com suas épocas, incorporando tecnologias, produzindo e fazendo circular novas mídias e discursos, criando papéis e identidades profissionais e, nesse processo, produzindo pedagogias específicas do consumo e da publicidade.

No artigo intitulado **A relevância da imagem na formação: reflexões sobre as pedagogias do autogoverno**, Amarildo Luiz Trevisan, Adriana Moreira da Rocha Veiga e Neiva Viera Trevisan, ao discutirem a concepção de imagem em diferentes contextos e épocas, problematizam o entendimento de que ela é mera reduplicação do real e argumentam que as imagens criam e transmitem significados, compondo uma condição cultural com implicações contundentes na formação humana. Consideram a habilidade das imagens para criar ideias e realidades, instituir saberes e agir sobre os sujeitos pós-modernos para que ajam sobre si próprios. Em outras palavras, fazem-nos ver que as imagens são educativas, capazes de construir narrativas que embasam pedagogias do autogoverno ao incidirem na percepção, formação e comportamento das pessoas.

Sandro Faccin Bortolazzo, no artigo **Pedagogias do digital e subjetividades nas redes algorítmicas**, ocupa-se de evidenciar e problematizar como a pedagogia do presente por ele analisada – plataformas digitais e algoritmos – também opera conduzindo a conduta dos sujeitos e ensejando valores e práticas cotidianas. Os movimentos analíticos compreendem a discussão sobre o deslocamento do conceito de pedagogia e suas conexões com a cultura digital, incluindo a abordagem da plataformização da sociedade e dos algoritmos como produtoras de sentidos e subjetividades. O autor demonstra e sustenta a tese de que as pedagogias digitais – como a plataformização e os algoritmos – tornam o mundo informacional acessível e compreensível, mas, ao mesmo tempo, conduzem as condutas (especialmente no universo virtual). Tais pedagogias mostram características peculiares, como a mobilidade, a

conectividade, a exposição e a personalização, que têm amplos e variados efeitos possíveis nos sujeitos e nas sociedades contemporâneas.

Trazendo para a cena acadêmica um profícuo debate acerca dos processos de subjetivação, os quatro artigos que compõem a seção **GÊNERO, CORPO E AUTOIMAGEM: PEDAGOGIAS DO PRESENTE E SUBJETIVIDADES** dão visibilidade aos modos como a cultura opera sobre os corpos e forja determinados tipos de sujeitos, convenientes para uma dada sociedade.

O artigo **Pedagogias da cispassabilidade, scripts de gênero e existências trans**, de Daniella Vieira Magnus e Jane Felipe de Souza, abre a seção, evidenciando a operação de pedagogias da cispassabilidade sobre corpos e/ou performances “cispassáveis”, na intenção de escolarizá-los, discipliná-los, adequá-los e produzi-los. À luz das teorizações de gênero e dos estudos pós-estruturalistas, o artigo mobiliza o debate sobre os *scripts* que ditam modos de ser e de comportar-se de acordo com cada gênero, os quais, a partir da repetição e/ou da citação constante de práticas, asseguram e fortalecem as identidades hegemônicas. Sob essa perspectiva investigativa, as autoras abordam os tensionamentos produzidos nas existências de docentes transgêneros da Educação Infantil, além de discutirem como as pedagogias de gênero atuam na construção de homens e mulheres.

Em **Pedagogia de “guerrilha” contra a tirania da imagem: a HQ na sala dos espelhos de Liv Strömquist**, Rosângela Tenório de Carvalho convida o(a) leitor(a) a perceber os meandros da pedagogia da autoimagem de si, a partir do trabalho de Liv Strömquist, uma quadrinista que traz como cerne ético de sua obra as relações de gênero tratadas do ponto de vista sociopolítico e feminista. Para a composição do artigo, a autora elege os enunciados da HQ *Na sala dos espelhos, autoimagem em transe ou beleza e autenticidade como mercadoria na era dos likes & outras encenações do eu*, intencionando realçar processos de subjetivação de mulheres no uso da internet. Acionando elementos conceituais advindos da filosofia da linguagem, da semiótica, da imagem, da arte sequencial,

do discurso e da performatividade, o artigo põe em foco a crítica da produção de sujeitos femininos pelos automatismos das plataformas digitais.

Igualmente tensionando as pedagogias de gênero, temos o artigo **Estéticas da professoralidade: uma análise dos dispositivos pedagógicos de gênero e a produção do sujeito professor**, de Ana Paula Rufino dos Santos. Ancorada nos estudos de Michel Foucault, a autora investe em uma análise do discurso da profissionalidade docente, a partir dos discursos fundadores da pedagogia moderna e do discurso pós-moderno. O estudo das grades conceituais sugere uma prática discursiva pautada no paradigma da feminilidade ideal, fundamentada na dedicação, no cuidado, na submissão, na doçura e no cultivo da moderação.

Corpo, dança contemporânea e cuidado de si articulam-se no artigo **Corpo de partida: das possibilidades do cuidado de si na dança**, de Tainá Suppi Pinto e Roseli Belmonte Machado. O objetivo é compreender aproximações entre os cuidados de si e as práticas de coreógrafos e dançarinas contemporâneos, a partir da análise das vivências e das narrativas sobre ensinamentos de Klauss Viana, Pina Baush e Juan Miguel Más. Operando com a caixa de ferramentas de Michel Foucault, em especial com os conceitos de *asceses*, *enkrateia* e *parresia*, as autoras mostram que a dança pode reunir um conjunto de ferramentas que leva "o sujeito dançarino a dizer-a-verdade, com implicações subjetivas e éticas, possibilitando-lhe a criar um *ethos* e envolver-se em uma estética da existência com a sua própria dança".

Se as pedagogias são múltiplas e operam sobre as infâncias e as juventudes, coube aos autores da seção **FINANCEIRIZAÇÃO, CONSUMO E CULTURAS DIGITAIS: PEDAGOGIAS DO PRESENTE, INFÂNCIAS E JUVENTUDES** problematizar como elas acionam e agenciam a produção desses sujeitos em tempos presentes. Composta por quatro artigos, discute como as pedagogias do presente são capazes de fraguar vidas e subjetividades. Dito isso, convém perguntar a estes artigos quais lições estão na ordem do discurso dessas pedagogias e que sujeitos elas têm forjado no momento em que o tempo e o espaço foram ressignificados.

No artigo **Turma da Mônica e a formação de mentes de investidor em tempos de financeirização**, Inês Hennigen analisa e problematiza a produção de vida e de subjetividade em tempos de capitalismo neoliberal financeirizado, evidenciando a emergência do discurso da educação financeira na atualidade. Dando visibilidade aos itinerários educativos da Turma da Mônica, a autora demarca contornos, ênfases e rasuras das pedagogias culturais junto a crianças, materializadas no livro de educação financeira *Como cuidar do seu dinheiro*, da Turma da Mônica e do consultor Primo Rico. Em uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, a autora examina o enunciável e o visível da financeirização, para mostrar que o livro reforça a onipresença do dinheiro, o reiterado fomento ao investimento e ao empreendedorismo e o direcionamento a temáticas como trabalho, juros e endividamento. Ao final, Hennigen propõe uma educação que coloque em questão a lógica do capital financeiro.

O dinheiro, mais especificamente o consumo, também se mostrou presente nas narrativas orais infantis de crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de duas escolas públicas do Rio Grande do Norte, como apresentado no artigo **Pedagogias do consumo e narrativas orais: o que pensam, dizem e sentem os sujeitos infantis escolares**, de Patrícia Ignácio e Viviane Castro Camozzato. Nele, a escuta atenta e sensível de crianças escolares objetiva evidenciar o que elas conhecem, sabem e reinterpretam da cultura do consumo em suas narrativas. Cabe a ressalva de que, na tecitura do texto, as narrativas são consideradas dispositivos pedagógicos do presente, que forjam subjetividades à medida que produzem, adjetivam, significam, (re)interpretam, constituem e modificam a experiência de si do consumo. Produzidas em meio a estratégias lúdicas e a temáticas disparadoras, as narrativas analisadas ressoam marcas de uma cultura infantil do e para o consumo, materializada em vocábulos, entendimentos, concepções e práticas culturais que versam, em especial, sobre dinheiro e tecnologias.

As narrativas orais infantis igualmente constituíram-se em mote investigativo de Silvana de Medeiros da Silva e Mariangela Momo, no artigo **“A gente joga muuuito!” Jogos digitais: uma pedagogia do presente produzindo infâncias**. Sob a égide dos Estudos Culturais, as autoras analisam um conjunto de

narrativas de duas crianças sobre suas experiências em jogos digitais, para compreender como as infâncias são produzidas na atualidade. Evidenciando algumas das marcas do tempo presente – forjadas na era da midiaticização e da cultura digital–, o texto destaca a produção de crianças e de infâncias, simultaneamente reais e virtuais, haja vista que os jogos digitais demandam das crianças outras/novas/diferentes práticas de interação, de brincadeira e de consumo, instituindo outros modos de comunicar-se, agir, pensar, ser e fazer em tempos presentes.

Em se tratando da produção das juventudes em meio à cultura digital, o artigo que encerra esta seção, intitulado **Lições e pedagogias culturais no YouTube educando os/as jovens contemporâneos**, de Lucas da Silva Martinez, Marta Cristina Cezar Pozzobon e Sueli Salva, problematiza o YouTube como um local pedagógico capaz de reverberar lições endereçadas a jovens, apontando algumas operações das pedagogias culturais na referida plataforma de vídeos *online*. Assim, a partir da noção de pedagogias culturais, das teorizações etnográficas, da noção de discurso foucaultiana e da análise de 25 vídeos do gênero *vlog* de *youtubers* brasileiros, os autores argumentam que as lições veiculadas no YouTube se referem aos modos de ser e se comportar como jovem, de ser consumidor e de aprender a desejar e consumir como jovem.

A articulação entre a educação escolar e as pedagogias do presente é a marca da seção **NEOCONSERVADORISMO E NEOLIBERALISMO, ARTEFATOS CULTURAIS E ESCOLA: PEDAGOGIAS DO PRESENTE E EDUCAÇÃO**, constituída por três artigos. Borrando as fronteiras do dentro e do fora da escola, os textos apontam que o que acontece na educação brasileira acontece na trama dos discursos que atravessam a escola porque são produzidos na cultura e que atravessam a cultura porque são produzidos na escola.

Em **Neoconservadorismo e Neoliberalismo em ataque à educação pública brasileira: um problema contemporâneo**, Marcos Vinicius da Silva Goulart e José Ronaípe das Neves Machado tensionam a relação e a aliança entre neoconservadorismo e neoliberalismo, a partir de um resgate político, histórico e conceitual, evidenciando um ataque à educação pública brasileira. Amparados,

em grande medida, em Michael Apple, analisam o cenário brasileiro atual e mostram a forte influência de setores lobistas neoliberais e neoconservadores na reforma do Novo Ensino Médio, que visam à implementação de uma pedagogia capaz de forjar sujeitos empreendedores de si mesmos.

Entendendo as tirinhas como pedagogias culturais atravessadas por relações de saber e de poder que educam, orientam e forjam determinados entendimentos e atitudes, Lucas Pacheco Brum, Eliada Mayara Alves Krakhecke, Maria Cecília Lorea Leite e Jordana Isse, no artigo **A tirinha de Armandinho como Pedagogias Culturais: Camilo – “pobres não leem livros”?**, analisam os discursos verbais e não verbais da tirinha do Armandinho no que se refere às concepções de educação, democratização e pedagogia. Os autores argumentam que as tirinhas, assim como outras imagens que compõem a cultura visual, são portadoras e mediadoras de significados e de discursos que, ao fazerem parte das experiências visuais dos sujeitos, oportunizam modos de pensar a si e ao mundo. No caso específico da pesquisa apresentada, consideram-se os significados e discursos acionados e tensionados pelo protagonista Camilo para fomentar reflexões e questionamentos sobre as desigualdades sociais e educacionais em tempos de pandemia de COVID-19, de democratização da educação e de acesso ao conhecimento, à leitura e aos livros pelas camadas mais pobres e negras da população.

Encerrando a seção em que se estabelecem articulações entre a educação escolar e as pedagogias do presente, o artigo **Letramentos digitais e seu papel no desenvolvimento de habilidades do componente curricular de Língua Portuguesa**, de Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolin e Luciana Camargo de Carvalho, explora a temática dos letramentos digitais, a partir de uma pesquisa-ação aplicada a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Mato Grosso, nas aulas de Língua Portuguesa. Considerando os avanços produzidos pelas tecnologias digitais, a importância do letramento digital e os estudos que mostram o celular como principal dispositivo de acesso à internet por crianças e jovens, as autoras analisam uma atividade desenvolvida com o uso desse aparelho, apontando oportunidades e possibilidades do celular

como recurso pedagógico para o desenvolvimento de habilidades no componente curricular Língua Portuguesa.

A última seção, intitulada **NARRATIVAS DE SI, MÍDIAS E PLATAFORMAS DIGITAIS: PEDAGOGIAS DO PRESENTE E DOCÊNCIA**, é a maior de todas as seções do dossiê, com seis artigos. Um dos matizes de aproximação entre os textos são os sujeitos docentes para quem as pedagogias analisadas são endereçadas. É uma seção que explicita o quanto os docentes são alvo de um número amplo e diversificado de pedagogias do presente que os convocam a agir sobre si próprios diante de exigências, também amplas e diversificadas, do tempo presente. Vale, então, deixar ressoar a seguinte questão: que docente(s) e docência(s) as pedagogias do presente estão produzindo?

Problematizando tal convocação e exigências, Ana Luísa Paz, no artigo **Aprender a resistir: da poética dos dias a uma autoetnografia das pedagogias do presente**, aborda e tensiona um conjunto de pedagogias que a convocaram ao longo de sua trajetória profissional como docente e desenvolve argumentos sobre a autoetnografia como possibilidade de construir outros sentidos, resistentes, que interrompem e/ou perfuram as pedagogias neoliberais. Para a sua argumentação, a autora lança mão de dois dispositivos de subjetivação possíveis na formação e na docência no Ensino Superior – as escritas autorreferenciadas e as fotografias. Com textos poéticos, crônicas e fotografias (cheias de alma), a autora vai mostrando o que ela chama de sua lenta transfiguração docente. Apresenta a autoetnografia como repertório emanado do eu, narrativas de si que possibilitam ver o que era óbvio, mas antes não visto, e conseqüente compreensão crítica de aspectos culturais, especialmente sobre a docência no Ensino Superior.

É também, mas não somente, com narrativas de professoras que o artigo **Pedagogias do presente em tempos de pandemia e a urgência de tecer elogios à escola**, escrito por Maritza Maciel Castrillon Maldonado e Luciene Neves Santos, é urdido. Trata-se de um texto que nos põe para pensar sobre pedagogias do presente, especialmente a pedagogia escolar, a partir de camadas descontínuas do passado expressas em narrativas de si das próprias autoras do texto e de professoras e professores das redes públicas de ensino do estado do Mato Grosso

no Brasil. Nas narrativas, estão rastros do ofício docente e de como se tornaram professoras. Mais do que isso, estão vestígios de um tempo de pandemia – a COVID-19 –, de reinvenção da docência, de práticas e pedagogias escolares que apontam, como dito pelas autoras, para a necessidade de tecer elogios à escola.

Deslocamentos e mutações nas representações da docência durante a pandemia de COVID-19 são analisados no artigo intitulado **Das salas de aula às telas: a docência em reportagens da mídia digital durante a pandemia de COVID-19**, escrito por Joice Araújo Esperança. A autora considera reportagens da mídia digital como uma pedagogia do presente capaz de produzir e colocar em circulação um conjunto de significados sobre a docência em tempos de pandemia. As análises por ela empreendidas identificaram recorrências nos modos de significar a docência, como a realização da atividade docente de forma improvisada e emergencial e a ênfase no amor e no afeto.

O artigo **Neoprofessor: um sujeito com o *mindset* neoliberal**, das autoras Maura Jeisper Fernandes Vieira, Liara Saldanha Brites, Rosane Machado Rollo e Cristianne Maria Famer Roch, evidencia o quanto estão em curso processos de plataformização do trabalho docente como resultante e, ao mesmo tempo, constituinte do neoliberalismo como racionalidade nas sociedades contemporâneas. As autoras tomam a plataforma digital (*online*) Superpof e os anúncios nela contidos para evidenciar como eles produzem *neoprofessores*. Suas análises constroem argumentos de que o *neoprofessor* tem um *mindset* (configuração mental) neoliberal, característico do tempo presente, e de que a plataforma analisada atua nessa mesma lógica ao ser vitrine de docentes e da concorrência entre si. A competitividade, o ordenamento ranqueado, a busca pela superação contínua, a meritocracia, a adaptação e a performatividade na personalização das aulas são narrativas postas em circulação sobre como são, ou como deveriam ser, os *neoprofessores*.

Também se dedicam à análise e problematização de uma plataforma digital sobre e para docentes as autoras Andresa Silva da Costa Mutz e Leandra Gomes Gonçalves no artigo intitulado **A pedagogia do YouTube e o empreendedorismo docente digital**. Elas realizam o mapeamento de enunciações

do material publicado no YouTube Official Blog intitulado *Conheça 3 professores que cresceram no YouTube em 2021*. Suas análises mostram como a plataforma utiliza operações discursivas para seduzir docentes a fim de que se tornem professores *youtubers* e sigam carreira na plataforma. Em outras palavras, das próprias autoras, a pedagogia do YouTube “[...] opera ensejando o empreendedorismo docente digital e a plataformização do trabalho do professor *youtuber*”.

Fechando este dossiê, está a análise de mais uma plataforma digital que opera como uma pedagogia do presente ensinando professoras(es) sobre como ensinar, ser e portar-se na docência efetivada no universo virtual. **Produções da Língua Inglesa no TikTok: a tiktoker @minhaprofessoragringa - ironias, humor e memes**, artigo de autoria de Mariana da Silva Castro e Darlize Teixeira de Mello, problematiza as práticas de ensino de Língua Inglesa da *tiktoker @minhaprofessoragringa* na rede social TikTok, que é também uma plataforma digital. Entre outros movimentos analíticos, as autoras acionam os conceitos de pedagogias culturais e pedagogias do presente (CAMOZATTO, 2014) para mostrar como o ensino da Língua Inglesa fica em segundo plano diante da preponderância de performances de humor, ironias e *memes* na plataforma analisada, a qual tem como protagonista uma professora de Língua Inglesa.

Esta apresentação é apenas um olhar sucinto sobre os 20 artigos que compõem o dossiê e tem como principal intenção convidar os(as) leitor(es) a mergulhar, junto com os(as) autores(as), na compreensão e problematização de tantas pedagogias do presente, as quais apresentam implicações contundentes para os sujeitos, as relações, a educação e a(s) sociedade(s). Cada artigo tem riquezas que esta singela apresentação, certamente, não foi capaz de apreender e traduzir. Portanto, a leitura de cada um deles é de fato insubstituível.

Se tais artigos estão aqui, dados ao mundo para serem conhecidos, é porque um conjunto de condições gerou essa possibilidade. Uma delas é o fato de que 38 pesquisadores(as) aceitaram gentilmente o convite que lançamos e enviaram suas produções para compor este dossiê. Nossa gratidão a cada um(a) que se sentiu impelido e comprometido a colocar em circulação suas



criações/produções, provavelmente enfrentando condições adversas, como é o caso da produção do conhecimento científico no Brasil.

Agradecemos também por determinadas políticas institucionais (com condições específicas de trabalho) e a agências de fomento à pesquisa (com a concessão de bolsas), pois esta é outra importante condição de possibilidade para dirimir certas dificuldades na produção do conhecimento científico em nosso país.

Por fim, outra importante condição de possibilidade para a materialização desta obra diz respeito à política editorial da *Revista Textura* e ao incansável trabalho de seus editores(as). Neste número, a professora Dra. Darlize Teixeira de Mello foi quem nos acompanhou, de forma solícita, disponível e gentil, do início ao fim, em nossa condição e trabalho de organizadoras. Nossa gratidão à *Revista Textura*, às pessoas e à instituição que a fazem, pelo convite e pela confiança para organizarmos esta obra.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEILLEROT, J. **A sociedade pedagógica**. Porto: RÉS Editora, 1985.

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

CAMOZZATO, V. C. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p.107-119, jan./abr. 2018.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of Learning: media, architecture, pedagogy**. London; New York: Routledge, 2009.

FOUCAULT, M. *Theatrum Philosophicum*. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mara Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevasco e Iná Camargo Costa. São Paulo: Ática, 2004.

LYOTARD, J.-F. **O pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

STUART, Hall. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n.23, p. 5-15, maio/ago. 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Algumas Considerações sobre a Articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais). In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, Educação e Sociedade - Um debate sobre Estudos Culturais e Educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. P. 165-181.